

De “transgênero” a “princesa”: a anatomia é o destino ou o destino é o S1?

Patrícia Ribeiro

Resumo

Partindo de duas vinhetas clínicas, este artigo discute a afirmação freudiana “a anatomia é o destino” (Freud, 1924/2016, p. 185), fazendo as voltas desse dito e extraíndo o dizer de Freud para retornar à “a-na-tomia” com Lacan, que, com sua “linguisteria”, propõe o corpo como saber do Um, o S1 do discurso do analista. Faz-se, então, o contraponto desse saber inconsciente do discurso do analista com o saber do discurso universitário, que, em aliança com o discurso capitalista, toma o sujeito como produto a ser consumido. Apontam-se, então, algumas consequências da política do discurso atual, especialmente para as crianças, e a diferença do tratamento ofertado por um analista e por outros dispositivos de nosso tempo.

Palavras-chave:

Anatomia; Destino; Corpo, Política; Tratamento.

From “transgender” to “princess”: is anatomy destiny or is destiny the S1?

Abstract

Based on two clinical vignettes, this article discusses Freud’s statement that “anatomy is destiny,” revisiting this phrase in order to reframe “a-na-tomy” as a product of the unconscious, through Lacan’s perspective. Using the concept of “linguistry,” the body is proposed as a knowledge of the One, the S1 of the analyst’s discourse. A contrast is drawn between this unconscious knowledge and the knowledge of the university discourse, which, in alliance with capitalist discourse, treats the subject as an object for consumption. The analysis aims to consider the consequences of the politics of contemporary discourse, particularly for children, and to highlight the difference between the treatment offered by an analyst and that offered by other clinical and educational devices today.

Keywords:

Anatomy; Destiny; Body; Politics; Treatment.

De “transexual” a “princesa”: ¿es la anatomía destino o es el destino el S1?

Resumen

A partir de dos viñetas clínicas, este artículo discute la afirmación freudiana de que “la anatomía es el destino”, retomando dicha expresión para extraer le decir de Freud e desde la perspectiva de Lacan replantear la “a-na-tomía” como un producto del inconsciente. A través del concepto de “linguistería”, se propone el cuerpo como saber del Uno, el S1 del discurso del analista. Se establece un contraste entre este saber inconsciente y el saber del discurso universitario, que, en alianza con el discurso capitalista, toma al sujeto como objeto de consumo. El análisis busca pensar las consecuencias de la política del discurso contemporáneo, especialmente para los niños, y destacar la diferencia entre el tratamiento que ofrece un analista y el que proponen otros dispositivos clínicos y educativos actuales.

Palabras-clave:

Anatomía; Destino; Cuerpo; Política; Tratamiento.

De « transgenre » à « princesse » : l’anatomie est-elle le destin ou est-il le S1 ?

Résumé

À partir de deux vignette cliniques, cet article propose une retour à l’affirmation freudienne selon laquelle « l’anatomie est le destin », en reprenant cette formule à la lumière de Lacan pour repenser l’« a-na-tomie » comme un produit de l’inconscient. À travers le concept de « linguisterie », néologisme lacanien, le corps est proposé comme un savoir de l’Un, le S1 du discours de l’analyste. Un contraste est établi entre ce savoir inconscient et le savoir du discours universitaire, qui, allié au discours capitaliste, considère le sujet comme un objet de consommation. Cette analyse vise à examiner les conséquences politiques du discours contemporain, notamment pour les enfants, et à souligner la différence entre le traitement proposé par un analyste et celui offert par d’autres dispositifs cliniques et éducatifs actuels.

Mots-clés :

Anatomie ; Destin ; Corps ; Politique ; Traitement.

“Onde há fumaça pode não haver fogo”: anatomia é destino?

Com menos de 2 anos, ele já brincava de usar os sapatos da mãe, enrolava panos na cintura para fazer saia, passava dias fantasiado de princesa. “Certamente, ele é um desses casos de transgênero”, dizia sua mãe. Após passar por diversas abordagens terapêuticas, incluindo o laboratório de gênero de um hospital de São Paulo, onde a direção do tratamento era convencê-lo de que era um menino, a mãe, exausta, encontrava alento no nome oferecido pelo discurso: “ele é um ‘transgênero’ e tudo bem, ele pode ser o que quiser”. Mas o que soava libertador vai ganhando ares de destino, aquilo de que não se escapa. Se o nome vindo do discurso corrente abre certo espaço de liberdade e inclusão no laço social, afinal ele não precisa mais ser “convencido”, forçado a mudar seu comportamento, todavia, o nome vindo do Outro com o peso da certeza torna-se opressor. Era urgente suspender os nomes carregados do visgo imaginário do sentido pré-fabricado¹ e, nesse caso, absolutamente alienante. Era urgente introduzir no Outro uma pergunta, pois “o sentido é sempre religioso” (Lacan, 1980/2021 p. 57), e, se um analista não rema contra o mar de sentidos predeterminados, a psicanálise pode virar a Igreja, ou seja, mais um tratamento moral do sexual.

Nem menino, nem menina, nem transgênero. À analista, o sujeito diz ter um segredo, quer ser “princesa”, primeiro nome advindo dele na construção de sua fantasia. Mais tarde, diz querer se chamar “Gisele”, “a mais bonita do mundo”, “A poderosa”. Depois de muitas bonecas destruídas, atiradas pela janela do consultório, cabelos loiros rasurados, tingidos de preto e cortados, e muitos contos em castelos, ele diz não precisar mais vir à análise, pois, segundo ele, achou uma solução: ser cada vez mais “popular” na escola. Com esse nome, mesmo que ainda um tanto alienado, encontra um lugar no laço social com as amigas meninas, protagonizando cenas de intrigas e inveja. Em uma das interrupções do tratamento, sua mãe passa a vir, e aparece a repetição em sua ab-surda face de destino: repetem-se praticamente os mesmos significantes do filho no *automaton* das cadeias significantes dela. Mais ainda, a mãe pode falar das dificuldades em assumir seu corpo de menina, do quanto o sentia como estranho, e se dá conta da alienação do filho a seus restos edípicos e de rivalidade com a irmã, “a mais bonita”, a “princesa do papai” no castelo infantil. Termina por dizer que “falando ali entendeu que onde há fumaça pode não haver fogo”: foi-se o destino traçado da criança, a determinação biológica do transgênero. Da certeza da mãe, que soava mais como um voto, restou apenas: “ele pode ser o que ele quiser”. Intervalos abertos entre a criança e o Outro, o sujeito pode pensar no que

1 *Prêt-à-porter*, pronto para vestir. Do léxico da moda, expressão que designa roupas pré-fabricadas em larga escala, em tamanhos padronizados, que se compram em lojas de departamentos, em oposição ao corte feito sob medida para cada um, no antigo ofício do alfaiate.

quer saber, nesse caso, sobre o ato sexual. O menino retorna e encena muitas transas entre Barbies e Bobs, afinal, na pergunta “quem sou?”, está implicada a pergunta pelo ato sexual, na medida em que

(...) não se trata simplesmente de saber o que se faz e como se opera, trata-se de perceber que o que traz dificuldade é que se entra no ato sexual para se verificar isso ou aquilo, macho ou fêmea, por exemplo. É com o ato que as dificuldades começam, é na medida em que o ato é significativo e, como significativo, ele falha. Daí minha observação de que, definitivamente, não importa o que vocês façam, vocês não estarão nunca absolutamente certos de serem machos ou de serem fêmeas. (Lacan, 1967, p. 12, tradução nossa)

De Napoleão a Freud: o destino é a política ou a política é a tragédia?

Outra criança, uma menina de 7 anos, diz querer fazer uma cirurgia para colocar um pinto.² A anatomia é o destino, ainda? A afirmação freudiana se sustenta depois de *Mais ainda*?³ O sintagma é uma paráfrase de Napoleão, “A geografia é o destino”, que diz do terreno em que se perde uma batalha. Freud o parafraseia em 1912, associando sua paráfrase a outra conhecida frase: “*inter urina e faeces*, permanece o fator determinante e imutável. Poderia dizer-se aqui, parodiando um famoso dito do grande napoleão: a anatomia é o destino” (Freud, 1912/1999, p. 183). Em “Sobre a mais comum depreciação da vida amorosa”, Freud (1912/1999), partindo do sintoma da impotência masculina, chega à pulsão, impossível de governar e educar completamente, pois há um resto não sublimável, indomesticável; na vida amorosa, o sujeito experimenta sempre um descompasso entre o desejo e o corpo. Recorrendo à anatomia, estabelece-se uma relação entre a sexualidade e a função do excremento, trazendo à cena o descompasso também entre o sexual e o desenvolvimento humano em direção ao ideal: “os genitais mesmos não acompanharam os desenvolvimento das formas do corpo humano em direção à beleza, continuam animalescos, e também o amor” (Freud, 1912/1999, p. 172). “Entre fezes e urina nascemos”:⁴ somos resto caído do Outro. Com Lacan, podemos extrair de Freud um dizer: há uma parcela inelutável de perda na entrada no laço com o Outro, a anatomia configurando um campo de perda.

2 Há uma diferença de dez anos entre o atendimento da primeira criança e dessa. Atualmente, a oferta não é apenas de nomes, mas de intervenções corporais, que podem configurar uma resposta sobre a localização na partilha sexual a partir do anatômico apenas. Ainda que essa oferta não seja feita para crianças, a fala dessa menina ilustra os efeitos do discurso vigente, que parece buscar uma correspondência biunívoca entre anatomia e identificação sexual, apesar de a dita liberdade e a atual variedade de gêneros fazerem parecer o contrário.

3 *Encore*, seminário homófono a “um corpo”.

4 É dessa espécie de ditado popular, de autoria polêmica, que Freud parte.

Em 1924, em “O declínio do complexo de Édipo”, a paráfrase retorna, em um dito não menos polêmico: “a reivindicação das feministas por igualdade sexual não nos leva muito longe, a anatomia é o destino” (Freud, 1924/2016, p. 185). Na repetição, mais um deslocamento — a Goethe, Napoleão disse: “o destino é a política concreta do nosso tempo”, argumentando que a política ocupa, para o homem moderno, o lugar que a tragédia ocupava para o homem antigo. O próprio título, “O declínio do complexo de Édipo”, é uma paráfrase de “O declínio do Ocidente”, livro de Oswald Spengler,⁵ em que o autor propunha uma “revolução copernicana”, rejeitando a visão eurocêntrica da história e a civilização como o estágio mais avançado de uma cultura e em que previa o declínio da dominação europeia no Ocidente.

Impotência masculina, declínio do Ocidente: o mito paterno freudiano não parece tão “falocêntrico”, no sentido que se diz na *doxa* comum. Além disso, “O declínio do complexo de Édipo” é, de certa forma, a queda da hegemonia do Édipo centrado no menino, pois, a partir da anatomia feminina, coloca-se para o pai da psicanálise um enigma a respeito do complexo de castração, a mulher e a biologia restando sempre como limites do impossível casamento entre saber e verdade em Freud, levando-o a recorrer ao mito e à tragédia, que tratam do impossível da condição humana, do real.

Da tragédia à política: um deslocamento no tratamento do real sexual

“O Édipo não pode manter-se em cartaz em formas de sociedade nas quais se perde cada vez mais o sentido da tragédia” (Lacan, 1960/2002, p. 827). Em 1967, Lacan aponta uma mudança na ordem social: do Império aos “imperialismos” na “época planetária”⁶ (Lacan, 1967/2003), um deslocamento discursivo, que produz um novo mal-estar, diferente do da época de Freud: o do significante mestre em sua relação com o saber e formalizado por Lacan no matema do discurso universitário.

Figura 1. Lugares nos matemas dos discursos.

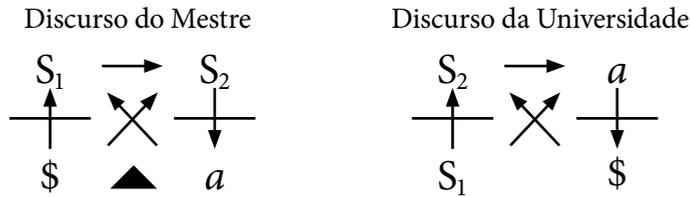
o agente	o outro
_____	_____
a verdade	a produção

Fonte: Lacan, 1969-1970/1992, p. 40.

5 Em dois volumes, publicados em 1918 e 1922. Em carta a Lou Andreas-Salomé, Freud diz querer que o título de seu trabalho soe tão trágico quanto o do livro (ver Freud, 1924/2016, p. 267).

6 A era planetária se refere ao período que se inicia no final do século XV e início do século XVI, com os descobrimentos, e marca uma mudança na visão de mundo e transição para uma visão global da humanidade. Atualmente, “era planetária” designa a globalização.

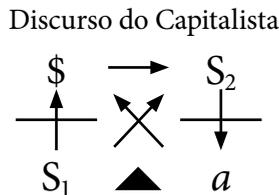
Figura 2. Matema dos discursos do mestre e universitário.



Fonte: Lacan, 1972, p. 8.

No discurso do mestre antigo, o S1 ocupava o lugar do agente, apenas colocando em marcha um saber: “Um verdadeiro senhor não quer saber de nada, ele só quer que as coisas andem” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 22). Com o avanço da ciência, um giro para o discurso universitário: o S2 passa para o lugar do agente, e o que se verifica é a tirania do saber. Nos giros discursivos, com o discurso universitário em aliança com o discurso capitalista, chamado por Lacan de “discurso do mestre moderno”, a divisão do sujeito move o discurso (ver Figura 3), o sofrimento move o capital, e o objeto *a* não está mais como causa de desejo ou mais de gozar, mas como objetos de consumo oferecidos como tampão da falta (*gadgets*).

Figura 3. Matema do discurso do capitalista.



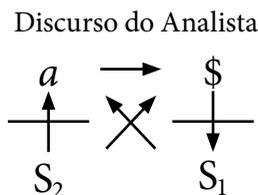
Fonte: Lacan, 1972, p. 9.

Em uma versão atual desses giros discursivos, pode-se pensar que, como efeito, o próprio sujeito, seu sofrimento despojado de qualquer saber inconsciente, é produto a ser consumido. Na política concreta de nosso tempo, essa aliança da ciência com o capital se verifica na entrada desse discurso nos dispositivos de tratamento e de educação, em que a criança é cada vez mais objeto de conhecimento científico, seu corpo vigiado, metrificado. Os diagnósticos modelo ABA (*Applied*

*Behavior Analysis*⁷) são cada vez mais baseados em medições padronizadas, contabilizando a esquizo do sujeito. A universalização dos diagnósticos, sob o argumento de cientificidade, tem como efeito a comercialização dos tratamentos, a oferta de diagnósticos como *gadgets*, acabando por produzir mais segregação. Pois, nesse giro discursivo, o saber da ciência passa a avançar a partir da suposição de um “sujeito puro”: é um sujeito do qual uma parte está velada, o objeto *a* (Lacan, 1967, p. 28). O estatuto desse sujeito puro depende da obturação da estrutura fantasmática, ficando, assim, calada a divisão que constitui o sujeito em sua relação com o desejo e o gozo, segregando o sujeito do *a* ($\$ \diamond a$). Por sua vez, calar a divisão depende da obstrução do significante: a política de nosso tempo é tomar a errância por erro, reduzir a capacidade de fantasiar, o tempo do brincar. Esse sujeito puro não existe em lugar nenhum, somente como sujeito desse saber científico (Lacan, 1967). Mas, se o discurso faz corpo, que corpo para a criança na era planetária e totalitária?

Ofertas de gênero e nomes, se podem dar lugar à diversidade, podem também segregar, quando respondendo a uma lógica classicista; pintos e vaginas podem cair na lógica dos *gadgets*, caso sejam oferecidos para obter a esquizo do sujeito, calando o enigma do que é ter um corpo e o enigma do gozo (do) Outro, gozo *héteros*, que Lacan batizou de feminino, recuperando o gume do dizer de Freud: “um cérebro feminino em um corpo masculino, entretanto ignoramos o que caracteriza o cérebro feminino” (Freud, 1905/1998 p. 135). As histéricas ensinaram a Freud do que é feita a *a*-na-tomia: do corte da palavra na carne e de significante encarnado faz-se um corpo. Em homenagem a Freud, que decifrava o sintoma histórico desfazendo nós de palavras, Lacan batiza o corte da linguagem com um neologismo, “linguisteria”, e avança: com a substância em exercício do significante, a besteira, produz-se um corpo como o saber do Um (Lacan, 1972-1973/1995, p. 195), S1 do discurso do analista.

Figura 4. Matema do discurso do capitalista.



Fonte: Lacan, 1972, p. 9.

7 Análise de comportamento aplicada.

Esse Um é produto de um saber-fazer-com o chamado “Inconsciente-lalíngua”, saber que não é destino, mas efeito do deslizamento da cadeia significante, depurado como letra dos deslizamentos, das “besteiras” ditas em associação livre. Desse saber o sujeito não será despojado, pois, singular, esse produto não serve ao mercado comum. A subversão do sujeito se dá na linguagem, da divisão que ele experimenta do significante e do objeto, como cortes, em sua relação com o Outro: \$ ◇ a, matema da fantasia. Deixemos que a criança a construa em paz e traçando suas letras, rasurando e reescrevendo seus nomes, possa saber-fazer, “se virar com” seu corpo.

De “cirurgia” a “operação muda-muda”: rumo à política do inconsciente

“Vai começar a operação muda-muda”, me diz a menina que queria uma cirurgia para colocar um pinto, na sessão que considero como sua entrada em análise. Na sequência, as cenas das brincadeiras são em clínicas de estética, com procedimentos para mudar a aparência, e idas ao *spa*, em que aparece a inveja das outras. A bonequinha feia, que não se enturmava com as amigas, vai ganhando novos atributos, um novo semblante e um novo nome, construído a partir de um deslizamento do nome da mãe, com uma quebra e a troca de uma letra. Na cena de um acampamento, as amigas conhecem uma menina “esquisita”, a boneca escolhida era “meio *monster*”, com caracteres estranhos no corpo. No decorrer da cena, as amigas descobrem que ela era “muito legal” e sabia “saltar como ninguém”. “Um corpo estranho”, marca a analista, ao que ela responde: “talvez seja só uma fantasia”.

Sobre o falo freudiano,⁸ Lacan avança com o conceito de falo real e com a lógica do significante; nas reviravoltas do falo como significante da pura diferença ao falo como significante indizível e nos desdobramentos da lógica fálica, chega-se ao não-todo⁹ e ao “gozo feminino”: o indizível, incontável, insubstancial do gozo que habita o corpo do falante. O não-todo, esse efeito de escrita do discurso do analista, subvertendo a lógica aristotélica, abre para o singular. O não-todo, um antídoto contra a universalização dos diagnósticos? Pois, na lógica do não-todo, não se trata de tomar a criança, o autista, ou qualquer um, como um particular, como caso, que apenas confirme a universalidade dos sinais e sintomas das categorias diagnósticas dos DSMs, ou a universalidade dos traços autísticos, passíveis de serem encontrados praticamente em todos nós.

8 Que não é o pinto, mas o símbolo da não representação dos genitais no aparelho psíquico.

9 Sobre a construção do não-todo, ver Prates (2019, anexo 1, pp. 193-203).

Se o inconsciente é a política, a a-na-tomia é saber do Um

Com “a anatomia é o destino”, Freud faz ressoar a política no sexual, mas, com uma rasura, afirma a tragédia como política, uma política que comporta uma inevitável perda. Esquecido no dito, um dizer: a política concreta não apaga, não cala, nem resolve o real do sexual: a anatomia é a política do inconsciente. “O Ics é a política”, disse Lacan, para então articular a lógica do Um (Checcia, 2011). Com a paráfrase, substituindo o Ics pela anatomia, como corpo, quero dizer que a anatomia é produto do Ics, do saber do Um, e que, substituindo o destino pela política do inconsciente — a do Um que não é o da massa freudiana, mas do Um que ao mesmo tempo se institui e se destitui (ver Checcia, 2011) —, o falasser ganha certa margem de liberdade, a da singularidade. Trata-se de certa liberdade para exercer sua singularidade, desalienando-se, em certa medida, do discurso do Outro e do discurso corrente. Pois o significante “igualdade” pode velar um efeito de massa do discurso vigente, o identitarismo, produzindo-se mais segregação.

A política do inconsciente, como sustentá-la na era do amódio?¹⁰ Convidamos o sujeito criança a brincar, fantasiar, dizer besteiras e falhar. Em uma época em que falar besteira é tão malvisto, a oferta não é pouca; imenso é o desafio de sustentar essa modalidade inédita de laço em nosso tempo. Na política do inconsciente, os não tolos erram,¹¹ mas, em face da linguagem binária e totalitária, bastará o equívoco?

Referências bibliográficas

- Checcia, M. (2011). O inconsciente é a política?. *Stylus*, (22), 69-79.
- Freud, S. (1998). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud, edição standard brasileira* (Vol. IX, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1999). Sobre a mais comum depreciação da vida amorosa. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 169-183). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2016). O declínio do complexo de Édipo. In S. Freud. *Neurose, psicose e perversão. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 259-269). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924)
- Lacan, J. (1967). *Petit discours aux psychiatres*. Inédito. Recuperado em 30 de abril, 2025, de <http://ecole-lacaniene.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-11-10.pdf>

10 Sirvo-me do neologismo de Lacan, que conjuga amor e ódio, para fazer referência à política de disseminação de ódio no laço social na atualidade. Lembro que o ódio é, para Freud, o afeto primário e corresponde à expulsão do estranho.

11 Título do *Seminário XXI* de Lacan, em francês *Le non-dupes errent*, que é homônimo a “os nomes do pai”.

- Lacan, J. (1972). *Conferência de Lacan em Milão, parte 2*. Recuperado em 30 de abril, 2025, de <https://pt.scribd.com/document/400430972/Conferencia-de-Lacan-Em-Milao-Em-12-de-Maio-de-1972-Parte-2-Traducao-de-Sandra-Regina-Felgueiras-Trilhar>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1993)
- Lacan, J. (2002). Subversão do sujeito, e dialética do desejo. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2021). Carta de dissolução. In J. Lacan. *Nos confins do seminário* (pp. 53-58). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Prates, A. L. (2019). *Feminilidade na experiência psicanalítica*. São Paulo: Lavarotos Prodeo. (Trabalho original publicado em 2019)

Recebido: 12/05/2024

Aprovado: 04/06/2024